

Águia de Souza Fabiano

**É POSSÍVEL AO EDUCADOR LIDAR COM A
AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA?**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo - 2007

Águida de Souza Fabiano

É POSSÍVEL AO EDUCADOR LIDAR COM A AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA?

Trabalho apresentado como requisito para conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Habilitação Educação Infantil) à comissão de Professoras: Prof.(as). Dras. Maria Ângela Barbato Carneiro, Marisa Del Cioppo Elias, Neide Barbosa Saisi, Neide Noffs.

Sob a orientação da Prof.(a). Dra. Maria Ângela Barbato Carneiro.

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo – 2007

Dedicatória

Neimar de Barros

*Vamos trocar?
Vamos???*

*Vamos trocar
Seu ódio pelo amor?
Seu rosto carrancudo pelo sorriso?
Sua força pelo raciocínio?
Seus palavrões pela oração?
Sua ofensa pela paz?
Seu orgulho pela humildade?
Seu vício pela vontade de vencer?
Seus desejos pelo equilíbrio?
Sua presença pela busca...?
(...)
Vamos trocar?*

Ao meu marido, Noel de J. Fabiano que me incentivou em todos os momentos no artificio deste desafio desde a sua origem quando resolvi retornar aos estudos.

Aos meus filhos, Felipe e Agatha na esperança que se inspirem na minha vontade de estudar e vencer profissionalmente.

Às minhas professoras por quem vou sentir tanta falta e saudade. Por terem me incentivado a eterna busca do saber.

Em especial a professora Maria Ângela Barbato Carneiro, a quem tenho muita admiração pela sua preocupação, dedicação e disposição em estar sempre trabalhando ativamente em prol da educação lúdica.

Agradecimento

Ao Noel de J. Fabiano, meu marido pelo companheirismo, compreensão em todos os momentos.

Aos meus filhos, Felipe e Agatha que suportaram o aperto financeiro minha ausência durante quatro anos.

Pela professora Maria Ângela Barbato Carneiro, pela ajuda, orientação prestada na realização deste trabalho.

À todas as professoras, do curso pelo incentivo, pelas críticas construtivas e pelo interesse pela nossa formação.

As diretoras e professoras, das creches por onde passei, pela acolhida prestada, e que direta ou indiretamente colaboraram para tornar possível este trabalho.

A todas as crianças, a quem considero umas das maiores obras de arte de Deus.

SUMÁRIO:

Resumo.....	pág.06
Introdução.....	pág.07
Justificativa.....	pág.09
Metodologia.....	pág.11
Capítulo I	pág.12
Reconhecendo as características da Agressividade	
Capítulo II	pág.19
Características da agressividade durante as fases do desenvolvimento	
Capítulo III	pág.23
A diferença da agressividade nos indivíduos de acordo com o gênero:	
Capítulo IV	pág.27
A qualidade das intervenções - Pensando no espaço físico e nas relações humanas	
Capítulo V	pág.32
É possível o educador lidar com a agressividade na infância?	
Capítulo VI	pág.38
Estudo de campo – descrição das observações – a prática vista e vivida.	
Considerações Finais	pág.67
Bibliografias	pág.70

Resumo

Como o educador lida com a *agressividade*? Essa é uma questão difícil porque são inúmeras as causas do problema. Dentre elas podemos citar a etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra, o sexo, as interações sociais pelas quais passa, enfim inúmeros outros fatores.

A forma de lidar com a questão é bastante complexa já que não há um padrão único de comportamento agressivo e nem uma única causa.

Alguns estudiosos mostraram que uma das formas de intervenção a ser utilizada pelo educador para evitar a agressividade consiste em planejar as atividades de modo que a criança fique cada vez menos a mercê de seus impulsos, daí a importância de organizar rotinas, atividades e brincadeiras.

Como a criança agressiva é extremamente manipuladora há necessidade que o trabalho desenvolvido pelo educador tenha a parceria dos pais, e isso favorecerá uma avaliação mais precisa por parte dos primeiros de modo que possam interferir adequadamente.

Por essa razão este trabalho procurou, a partir de estudos teóricos, identificar quais as características da agressividade na criança de educação infantil, de modo a auxiliar o educador a realizar intervenções adequadas para minimizar o problema.

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em a partir de um reconhecimento das características da agressividade na criança, identificar situações de intervenção do professor que pudessem minimizar a questão.

David Winemam (1986) ao estudar crianças agressivas, destacou que, toda a criança tem em comum a despeito da idade, a influência do meio em que vive.

Seguindo uma mesma perspectiva teórica sobre como ajudar a criança agressiva, Alan Train (2003), concluiu também que, cada um nasce com a sua própria personalidade, que ela é singular, e que reage diretamente às ocorrências ao seu redor.

Além disso, o autor aponta que os profissionais ou os pais cometem o erro de pressupor que as crianças com atitudes agressivas vão deixar essa postura de modo natural, considerando que a agressividade é somente uma fase da vida. No entanto, o autor sugere que antes de trabalhar com crianças que apresentem comportamentos agressivos é importante que o profissional olhe para dentro de si e se conheça melhor. Para isso é importante que faça o seguinte reconhecimento, ou seja, que pergunte a si próprio se gosta de criança e, depois, é necessário que conheça bem cada criança com quem irá trabalhar. Finalmente deverá procurar identificar as causas da agressividade e dos conflitos para tentar realizar uma intervenção adequada.

De acordo com o trabalho de Shaffer (2005), pode observar que a agressividade é de difícil definição, porém corresponde a um comportamento normal e esperado que varia de acordo com a faixa etária e tem seus limites de adequação. Contudo, foi possível compreender como é permitido *intervir* para um bom desenvolvimento da personalidade da criança na convivência com os seus pares.

Neste sentido, este trabalho teve a finalidade de contribuir para que o especialista em educação infantil possa conhecer melhor as características da criança agressiva de modo a auxiliá-la através do diálogo e da escuta a obter mais controle de seus impulsos para que ela possa aos poucos conquistar

alguma maturidade emocional e tornar-se mais sociável com seus pares para não sofrer os danos da exclusão.

Assim sendo, escolhi caracterizar na prática algumas *intervenções* vividas no cotidiano dos educadores e crianças nos espaços de convivência infantil quando estão diante a um conflito.

As observações da prática mostraram que em algumas ocasiões de conflitos, os educadores se encontram parcialmente ou totalmente despreparada para lidar com agressividade da criança. Que falta uma necessidade de diálogo entre educador, criança e família que facilitaria na busca da solução dos problemas.

Justificativa

As creches e as pré-escolas que antes possuíam somente a função de cuidar das crianças pequenas, nas últimas décadas com os movimentos de industrialização acabaram por provocar mudanças na sociedade brasileira. Diante deste fato a presença das mulheres no mercado de trabalho alterou a função da mãe que passou a deixar seus filhos na escola, fazendo com que ela passasse a assumir novas responsabilidades como impor limites às crianças, por exemplo.

O interesse pelo tema teve origem no princípio da minha ação como educadora e, do período que estagiei nas creches e escolas.

Comecei a trabalhar com crianças num espaço de convivência religiosa. Como no início da minha carreira não tinha nenhuma formação pedagógica, tinha a imagem equivocada de que todas as crianças eram ingênuas, de que elas não eram capazes de apresentar atitudes agressivas, mesquinhas, maquiavélicas ou sorrateiras.

As crianças com quem comecei a trabalhar eram boas e comportadas, pois estavam em um espaço de convivência religiosa, onde eu era a catequista e eles os catequizandos.

Além disso, meu conceito equivocado também se devia ao fato de que até aquele momento nunca havia convivido com crianças que tivessem uma postura rude perto de mim.

Depois que fui convidada e comecei a trabalhar num espaço educativo, em uma ação comunitária, detalhe, (sem formação teórica pedagógica) com *crianças em situação de risco*¹, comecei a notar que elas tinham posturas

¹ Criança em situação de risco, ou seja, crianças por parte moradoras de favela, onde na mesma casa morava a avó, os tios, a mãe, primos, irmãos - onde cada uns do irmão (ã) era filho (a) de pai diferente. Crianças que não conhecia a mãe ou o pai porque este o havia abandonado. Crianças órfãs de pais que tinham sido assassinados ou que eram suicidas. Filho (a) de presidiário (a). Criança onde a família inteira tinha problemas mentais ou tinha alguma outra deficiência física. Filho (a) de pais desempregados ou de

abrutalhadas e grosseiras umas com as outras e, também com os educadores, a ponto de avançarem umas nas outras com a intenção de machucar.

Notei, também, que a postura dos educadores também não era das mais adequadas ao lidar com aquelas crianças. Percebi ainda, que a culpa de tanta agressividade não era nem da criança e nem do educador.

Precisava saber claramente a causa do problema de modo que pudesse conhecer melhor qual a postura mais adequada do educador diante dos comportamentos agressivos na infância. Tais buscas acabaram por originar e determinar os rumos deste trabalho.

Um estudo teórico mais profundo sobre o tema permitiu-me boas reflexões e sugestões de alterações na prática, evitando conflitos indesejáveis.

pais que trabalhavam o dia todo. Criança que tinha que trabalhar. Criança que não tinha o que comer e, portanto para garantir pelo menos duas refeições diárias tinha que ir para o projeto todos os dias ou ficar na rua pedindo esmola. Criança que não tinha água para tomar banho e lavar a sua roupa e energia elétrica em casa... Etc.

Metodologia

A primeira fase do trabalho buscou um referencial teórico com base na obra de Shaffer (2005) que pudesse auxiliar num conhecimento mais profundo sobre o tema, bem como na identificação das possíveis causas da agressividade.

Na segunda foram visitados duas creches uma com caráter *humanista*² e outra de caráter *tradicional*³.

Em cada uma das creches observei uma professora que acompanhava uma turma de 27 crianças com idade de 5 anos num total de 24 horas em cada uma das instituições. Neste período foi possível incluir uma percepção mais apurada da atuação da professora em contato com as crianças.

A observação durou sete dias consecutivos e foram feitas, anotações das possíveis intervenções de cada professora frente dos episódios de conflito e, diante às situações provocativas como bater, xingar, tomar objetos, birra etc que se encontram descritas neste trabalho.

Detive-me neste trabalho a observar como o educador infantil lida com o problema da agressividade entre uma criança ou outra num espaço educativo (creche), em meio às aplicações das atividades e durante a dinâmica do conjunto das rotinas que o grupo está envolvido no seu cotidiano.

² Humanista: Valoriza e respeita a criança, oferecendo condições para que elas possam desenvolver a sua autonomia, sem nenhuma pressão sobre elas, considerando-as o centro da aprendizagem sendo o professor um facilitador desta, sendo a pessoa que vai criar o clima favorável para que isso ocorra com harmonia.

³ Tradicional: Defende um ambiente físico austero para que o aluno não se distraia. O professor se mantém distante dos alunos numa relação vertical. A cooperação entre pares é reduzida, o que predomina é o silêncio e a ordem.

Capítulo I

Reconhecendo as características da Agressividade

Dada a complexidade do assunto buscou-se inicialmente clarear um pouco mais o conceito de agressão

Ao referir-se ao trabalho de Miller e Dollard (1978) Dorin mostrou que a palavra agressão é usada para assinalar reações resultantes de um estado de frustração, caracterizado pela raiva e hostilidade.

Acrescentou, ainda, que tal comportamento admite outras causas além da frustração, ou seja, que algumas atitudes agressivas não vêm somente da ordem de impulsos naturais ou instintivos, mas que podem ser também uma explosão de raiva ou ódio de causa orgânica ou psicológica, ou seja, a criança poderá estar sofrendo de alguma doença ou distúrbio que há faz ter um temperamento hostil.

Dada a dificuldade em conceituar agressividade o que pode caracterizá-la?

Ao tratar do assunto Shaffer (2005) mostrou que para Coie e Dodge (1998) o conceito de agressividade⁴ é definido como o *comportamento realizado com a intenção de machucar ou provocar dano a outro ser vivo*. Não contente só com esta definição o estudioso separou a agressividade em duas categorias: *agressividade hostil e agressividade instrumental*. A *agressividade hostil* é aquela em que o agressor tem a intenção de fazer mal a alguém para *prejudicar ou machucar a vítima*, já a *agressividade instrumental* é quando o agressor faz mal com a finalidade de obter *acesso a objetos, espaços ou privilégios*.

⁴ Conduta caracterizada pelo ataque, que geralmente surge resultante de frustrações ocasionadas por obstáculo e deficiências.

Nos dois casos a agressividade pode gerar conflito. Assim sendo, podemos classificar um ato agressivo como hostil e instrumental ao mesmo tempo. Porque se um agressor esta provocando a vitima até que ela chore e em seguida lhe toma um objeto e ainda a machuca este está ao mesmo tempo tendo uma atitude agressiva de gênero hostil e instrumental.

De acordo com uma pesquisa Norte Americana realizada por Shaffer (2005) sobre o desenvolvimento social infantil foi destacado que a grande maioria dos pais gostaria que seus filhos adquirissem valores pessoais que soubessem distinguir princípios éticos e morais de certo e errado em relação ao convívio com as outras pessoas, ou seja, que eles pudessem ter uma ética de comportamento no trato com próximo no sentido de evitar machucar ou fazer algum mal aos outros. Isto desenvolveria sentimento de solidariedade.

[...] pesquisas longitudinais conduzidas na Irlanda, na Islândia, na Nova Zelândia e nos estados Unidos revelam que a quantidade de comportamento mal humorados, de temperamento de raiva e agressivos apresentados por crianças de 3 a 10 anos prevê com razoável acurácia inclinações agressivas e atos anti-sociais mais tarde na vida dessas crianças... Verificando, portanto que Crianças de 8 anos muito agressivas por vezes se tornaram relativamente hostis aos 30 anos, sendo assim, mais propensas a bater em seus companheiros e filhos a ser condenadas por questões criminais. (Shaffer apud Hart, Henry Kokko, Pulkkinen e Newman ,2005 p. 492)

O autor mostrou que agressividade tem uma natureza instável em muitas pessoas independente da pré-disposição genética, ou seja, nem todo individuo que é agressivo quando criança vai se tornar ou permanecer um adulto agressivo. No entanto isso não impede que os pais e educadores observem as fases como ela se apresenta durante desenvolvimento da personalidade da criança conforme ela vai crescendo num ambiente escolar junto com os seus pares.

É importante, pois, que a escola e a família sejam parceiras, criando um vínculo que proporcione entre todos a afetividade, o amor e o respeito, na perspectiva de contribuir para a formação de um cidadão consciente, que seja capaz de respeitar a vida do outro e da sociedade em que vive.

Também Âmago com base na teoria psicanalista de Sigmund Freud aborda a agressividade descrevendo que.

[...] as crianças são completamente egoístas, sentem suas necessidades intensamente e lutam de maneira impiedosa para satisfazê-las especialmente contra os rivais (...), contudo, podemos esperar que, antes do fim do período que consideramos como infância, os impulsos altruístas e a moralidade despertem o pequenino egoísta e um ego secundário se superponha ao primário e o iniba... (Âmago, 2001 pág. 37)

Portanto para o estudioso a agressividade é uma tendência natural no ser humano, e que a criança a usa para conquistar seu espaço no mundo. Logo as atitudes agressivas só devem ter um olhar preocupante quando houver na criança mudanças bruscas no modo de agir, caso contrariam as atitudes de bater, morder, empurrar, etc podem ser naturais neste período.

Qualquer tipo de crescimento implica algum grau de agressividade. Se nascêssemos sem agressividade, seríamos incapazes de sobreviver durante os primeiros estágios da vida e, posteriormente, não poderíamos progredir em nosso desenvolvimento. A agressividade advém de uma tendência inata para crescer e dominar o mundo a nosso redor. Pode ser percebida como uma característica de todas as formas de vida. Segundo Train (2003 pág. 34),

Embora a psicanálise mostre que a agressividade se constitui num potencial inato para a sobrevivência do indivíduo ela também descreve que algumas vezes, como já foi visto, pode ser uma resposta à frustração, ou seja, quando a criança percebe que o mundo não lhe oferece tudo que ela deseja ou necessita

responde a ele manifestando atitudes de raiva e ódio; as vezes capazes de destruir o ambiente.

Neste sentido a agressividade pode ser vista como resultado da frustração.

[...] desde que de formas socialmente aceitáveis, a criança pode descobrir que tanto ela quanto o outro atacado sobrevivem; a agressividade perde o poder destruidor que a criança imagina ter. (Sanches 2002, pág. 46)

De acordo com a psicanálise, a criança é um ser primitivo, não tem acanhamento de explorar tudo que está ao seu redor. Assim sendo, um dos instrumentos utilizados para mover-se nas aventuras a tornar-se íntimo do ambiente é servir-se da boca e das mãos para tal fim.

A partir do seis sete meses de idade os dentinhos começam a nascer, deixando a criança incomodada e ela procura um modo de amenizar o desconforto mordendo os objetos inclusive o rosto ou o queixo da mãe. Crianças entre um e dois anos estão sujeitas a passar por essa fase de mordidas, que é um comportamento passageiro, e muitas vezes um comportamento natural da agressividade.

“Maria tem um ano e meio. Acaba de entrar na creche, e possui o habito de morder as outras crianças, em especial aquelas com as quais mais gosta de brincar. O morder nesta idade, é uma forma de contato. Não é por acaso que os colegas preferidos são seu alvo preferido” (Sanches, 2002 pág. 46).

Portanto é natural o adulto se deparar com crianças que se mordem entre si. Isso não significa que a criança é um sujeito problemático, pois, segundo a psicanálise, quando uma criança gosta da outra demonstra mordendo-a. A reação à mordida é o choro, comportamento que dá ao mordedor uma sensação prazerosa de poder.

Porém Winemam (1986) descreve que é possível alguma criança permanecer com comportamento primitivo. Ele observou crianças que não desenvolveram o seu ego consciente (responsável). Ou seja, o ego de responsabilidade encarregado de nos manter em contato com a “realidade” que regula as

expressões de impulsos dentro dos modelos sociais de limite e de conduta do que é “*certo e errado*” no modo de agir.

São crianças que ficam com muita *raiva ou ódio*⁵ quando não conseguem realizar uma tarefa e reagem as decepções de maneira destrutiva. São crianças que não desenvolveram o seu *ego* de responsabilidade, ou seja, que não mataram seus comportamentos primitivos e que se deixam dominar pelos impulsos agressivos (ódio ou raiva) provocando uma contra regra “*punitiva*” dos adultos. São crianças que vivem na defensiva com o intuito de manter seu comportamento hiper-agressivo e destrutivo. Para isso se utilizam proezas incríveis, tais como, força física, mentira, palavreado de baixo calão, etc.

Esse modelo de criança, quando percebe que o adulto quer ajudar a melhorar o seu comportamento, acaba por cunhar uma guerra contra eles em defesa do ego primitivo, com o objetivo de tornar a satisfação do impulso possível, desenvolvendo uma batalha em defesa contra mudanças para conservar a sua personalidade egoica primitiva agressiva.

Winemam (1986) explica que a criança trava uma batalha que ele divide em quatro fases:

A primeira batalha é *contra a própria consciência*, ou seja, elas apreciam a agressividade. A segunda é no sentido bélico, a criança sofre de bloqueios de *insight*⁶, ou seja, ela se justifica delinqüente se comparando a pessoas que tem os mesmos comportamentos que ela e, se apóia nesta justificativa para não sofrer nenhuma interferência para melhorar sua personalidade. Uma terceira tentativa é chamada pelo autor de *súbito bloqueio de linguagem*, é quando a criança se silencia, mesmo quando a culpa esta estampada na sua cara, ou seja, ela não se declara culpada do ato agressivo para não sofrer nenhum tipo de intervenção ou para não ser castigada pelo adulto. A quarta fase de batalha é chamada de *guerra mecanizada* contra os agentes de mudança, ou seja, a criança sabe até onde ela pode irritar o adulto com

⁵ Ódio – neste caso é quando a criança retrai a agressividade explodindo por dentro e expressa este sentimento pelo formato da expressão do rosto (cara fechada ou amarrada).

⁶ A comparação súbita. Neste caso é quando uma criança com desvio de comportamento sempre se compara com outra da mesma ideologia. Também pode ser usada para designar a improvisação súbita numa aprendizagem ou solução de um problema. Compreensão, discernimento, visão profunda da situação ou problema. Aprendizagem por insight é caracterizada, sobretudo pela atividade mental.

atitudes agressivas contra o seu próximo sem estar sofrendo perigo de intervenção por parte deste.

Com base na teoria freudiana pode-se observar que:

[...] *não é a rígida concepção moral que impede um comportamento agressivo. Ao contrario, desenvolvemos concepções morais, porque renunciamos à agressão.*
Appignanesi (1979 ,p.160 ,)

De acordo com a perspectiva teórica da mesma autora que:

[...] *a agressão é derivada do instinto de morte e da libido, em oposição ao instinto sexual ou instinto de vida,* (Appignanesi, idem p.169)

Ou seja, conforme a criança vai crescendo e se tornado mais adulta os impulsos da natureza agressiva vão desaparecendo. Isso só aconteceu porque civilização desenvolveu ao longo da sua existência concepções morais com o objetivo de conservar a vida, assim sendo cada pessoa é moldada pelas crenças da moral e da consciência de modo que renunciamos a agressão (violência) como meio para conquistar nossos objetivos.

Com base nos estudos teóricos pode-se dizer que a criança como meio de defesa para extinguir sua agressividade conserva sempre a sensação engraçada de estar sendo observada por um adulto por isso encontra controle do ego para sua sublimação.

Segundo Tain (1995), a agressividade é vista como uma *energia* que uma vez ou outra é liberada em doses variadas.

Para ele a agressividade é uma *energia acumulada* que pode explodir a qualquer momento, é altamente volátil, espontânea e perigosa por sua hipersensibilidade e pode ser interpretada como resultado do bloqueio do instinto de morte pelo instinto de auto-preservação.

O autor também descreve a opinião da teoria *instintivista*, mostrando que o *ser humano nasce com um forte instinto agressivo como parte dominante da sua*

constituição, ou seja, assim como a criança nasce com os reflexos físicos para a sua sobrevivência e exploração do meio o instinto agressivo esta também presente na sua pessoa como uma qualidade do desejo inato de adquirir objetos, competir e reagir com empatia diante do outro com uma tendência natural de imitar o outro e sentir medo. Em suma, entende-se que o autor quer dizer que estas questões não se *aprendem* ou reagem ao meio social porque estamos frustrados, são sintomas naturais (nascido em nós) porque estão dentro do nosso organismo como sendo (pura adrenalina), portanto os *instintivistas consideram a agressividade como um impulso forte e incontrolável*.

Train (2003), mostrou também que a agressividade é comportamental (*behaviorista*), ou seja, a criança é agressiva por causa de sua experiência de vida e de sua criação. Compreende-se, com base nesta teoria, que se o adulto quer que uma criança se comporte de uma determinada maneira, é só reforçar o comportamento com a *punição e a recompensa*. Logo, se o adulto ignorar a agressividade ela ira extinguir o seu comportamento. Portanto se lhe derem atenção ou recompensá-la quando ela se comportar bem se tornara mais sociável, favorecendo uma convivência mais harmoniosa.

Além disso, para ele a criança passa, durante o seu desenvolvimento, por fases de agressividade é importante perceber que o comportamento agressivo é construído nas relações e interações que o sujeito tem com o ambiente e também por fatores biológico ou orgânico se transformando numa agressividade crônica.

Piaget em 1952 descreve um incidente no qual frustrou seu filho Laurent, de 7 meses, colocando sua mão à frente de um objeto interessante que o menino tentava alcançar. O menino bateu na mão de Piaget, como se fosse apenas um obstáculo a ser removido (Shaffer 2005 pág. 490)

Neste sentido é possível perceber que os atos considerados agressivos estão vinculados ao ser humano desde a sua tenra idade daí a necessidade de descrevê-las com mais detalhes nas fases de desenvolvimento.

Capítulo II

Características da agressividade durante as fases do desenvolvimento.

Segundo Shaffer (2005), de acordo as observações em crianças norte americana ao longo de 22 anos percebeu que os atos agressivos na infância se organizam por *fases*. Tal observação levou o estudioso perceber que

[...] apesar das crianças pequenas muitas vezes ficarem com raiva e baterem nas pessoas, é difícil pensar que essas ações escondem uma intenção agressiva (Shaffer, 2005 pág. 490).

Sendo assim para entendermos mais sobre conflitos na infância descreverei resumidamente o que o autor teorizou sobre como se organizam essas *fases* levando em conta as características de cada idade:

Primeira fase – por volta dos Sete meses

A criança de mais ou menos sete meses quando quer mexer ou pegar algum objeto que não é permitido, reage ao obstáculo que a impede de realizar seu desejo batendo no obstáculo (pessoas) com as mãos. Nesta fase a criança não vê o obstáculo como um adversário só o vê como uma barreira que a impede de alcançar o objeto desejado. Portanto o que caracteriza a agressividade nesta idade é perceber que a criança reage as suas frustrações e obstáculos batendo na pessoa (principalmente mãe e pai) que a impede de alcançar o objeto desejado sem necessariamente terem um foco para tais explosões.

Segunda fase - 1 ano de idade

De acordo com o autor, na idade de aproximadamente 1 ano a criança já começa a manifestar indícios da agressão hostil, ela é são extremamente mandona quando quer ter o controle do brinquedo de uma outra criança, (mesmo quando tem dois brinquedos iguais). Exemplo disso é quando a

criança disputa o mesmo brinquedo que a outra e, para eliminar o adversário que a impede de alcançar o que deseja, ela reage dominando *seu par* para ter o controle do brinquedo. Nesta fase ela já não vê o impedimento como obstáculo e sim como adversário. Portanto reagem as suas frustrações manifestando uma personalidade mandona e controladora, exigindo assim o apoio de uma pessoa mais velha para ajudá-la.

Terceira fase – 2 anos de idade

Por volta dos 2 anos de idade a criança já aprende a partilhar e negociar a disputa dos brinquedos, espaço, privilegio sem necessariamente precisar demonstrar força física (brigar) para dar conta das suas frustrações para tentar atingir determinado fim, sobretudo quando ocorre a intervenção de um adulto para ajudá-la a realizar seu objetivo.

Desse modo, para Shaffer, (apud Perlmam e Ross, 1997).

[...] os conflitos iniciais não precisam ser um treino básico para a agressão e podem até mesmo ser adaptativo, servindo como um contexto em que bebês e crianças de diferentes idades aprendam a negociar e a alcançar seus objetivos sem precisar demonstrar força – especialmente quando os adultos intervirem e encorajam resoluções de conflito harmoniosos.

Quarta fase – 3 a 5 anos de idade

Durante os 2 e 3 anos de idade a criança ainda reage a sua frustração batendo e chutando, e faz principalmente quando é atacada pelos colegas ou pessoas que a impedem de satisfazer seu desejo. A partir dos 3 a 5 anos de idade os chamados *pré-escolares* substituem a agressão física por agressão verbal, (rir e dar apelidos às pessoas), sendo que a maior parte dos conflitos ocorrem por causa de posse de brinquedos, lugares ou privilegio.

Assim sendo neste período o gênero de agressividade costuma ter mais uma característica instrumental do que hostil. A característica da agressão somente começa a mudar sua qualidade a partir desta idade chamada por Shaffer

(2005) de *meninice*, ou seja, *idade escolar*, quando a criança começa a resolverem muitos dos seus conflitos e disputas de modo amigável.

Quinta fase – meninice (idade escolar)

É na idade chamada de *meninice* que se percebe mais a agressividade hostil do que a instrumental, nesta idade as crianças já estão adquirindo habilidades de troca de papéis e, portanto já conseguem perceber na atitude do outro uma “*intenção maléfica*”, assim respondem ao *contra-ataque como uma resposta normal e não necessariamente moral* (Shaffer, 2005 pág. 491).

Quinta fase – idade pós-meninice – pré-adolescência e adolescência

Passada a idade pós-escolar a agressão passa a ser vista, conforme descreve o mesmo autor, como uma conduta *anti-social*, detectada na idade da pré-adolescência e na adolescência. Nesta idade a agressividade se caracteriza por gênero feminino e masculino e é considerada como um comportamento anti-social.

Nesta etapa o menino e menina expressam as suas raiva e suas frustrações de modo diferentes:

Os meninos expressam a sua agressividade de modo *indireto*, ou seja, parte para a briga. Portanto a característica da sua agressividade é mais *instrumental*.

As meninas, no entanto se expressam com atitude mais *dissimulada, sutil e maliciosa*. Portanto a característica da sua agressividade é mais *hostil*.

Esse modelo de agressividade dá uma impressão camuflada de que o sujeito não é mais agressivo, porque praticam as suas artimanhas escondidas dos adultos, enganando, portanto pais e educadores, fazendo esses pensarem que as manifestações agressivas no indivíduo tenha consistido somente a uma fase. Como nesta idade eles costumam defenderem-se uns aos outros dentro dos grupos de identidade se torna mais difícil identificar os sujeitos dos conflitos e dos atos de peraltices.

De acordo com a perspectiva teórica de Shaffer (2005), pode-se observar mais uma vez que a agressividade é de difícil definição, porém corresponde a um comportamento normal e esperado, que e têm seus limites de adequação, ou seja, varia de acordo fase do desenvolvimento com a questão de diferenças entre os sexos dos indivíduos.

Considerando que, os estudiosos da agressividade, afirmam que este comportamento possui as seguintes características nós optamos por distinguir a agressividade como comportamento que apresenta diferenças individuais no que se refere ao de gêneros feminino e masculino.

Capítulo III

A diferença da agressividade nos indivíduos de acordo com gênero

Como foi visto anteriormente a agressividade varia de acordo com a etapa de desenvolvimento da criança, contudo vale a pena lembrar que tais variações também ocorrem em virtude do sexo da criança. Por essa razão, entendeu-se que seria oportuno descrever um pouco sobre a diferença entre os sexos e as características do comportamento agressivo.

De acordo com os dados de mais de cem países segundo David Shaffer (2005), os dados mostram que os atos agressivos entre os sexos se diferenciam, ou seja, que meninos são mais agressivos que as meninas. Além disso, os pais desenvolvem com eles brincadeiras mais bruscas e os brinquedos que possuem comumente simbolizam destruição.

O autor mostra que para diferenciar a qualidade da agressividade entre os sexos é importante observar que os meninos demonstram as suas raivas e frustrações, indiretamente por meio de atos como roubo, abuso de subsistência, má conduta sexual e vadiagem. Portanto, nos atos agressivos têm uma natureza de disputa, de competição e posse instrumental, razão pela qual usam como contra-ataque o enfrentamento, o insulto ou o ataque aos colegas.

O mesmo estudioso descreve que nas meninas o modelo de agressividade tem uma característica *expressiva e relacional*,⁷ elas demonstram os seus conflitos de maneira mais *sutil e maliciosa*. Deste modo, elas focam a sua agressividade na tentativa de destruir o *status* social da colega. Assim sendo, a agressividade expressa -se como uma *atitude dissimulada*.

Contudo para Shaffer (2005), as conseqüências destes comportamentos só vão contribuir para que tanto um como o outro (meninos e meninas) sejam

⁷ Modelo de agressividade que consiste em diminuir a aceitação de uma adversária no grupo. Ex.: sai espalhando boatos que pode prejudicar a colega, com quem tem algum conflito para destruir suas amizades ou *status* em geral em seu grupo e pares.

excluídos do grupo, passando a ficarem sozinhos propensos a terem um relacionamento pobre com os seus pares.

Desse modo,

[...] os adolescentes parecem estar se tornando menos agressivos externamente, mas estão apenas desempenhando outras formas de conduta anti-social para expressar seu descontentamento. (Shaffer, 2005 p. 492)

Não obstante, como já foi mencionado, atravessando a fase da meninice (idade-escolar) a agressão *hostil e instrumental* toma outro caráter na personalidade do sujeito, ela passa a ser caracterizada como conduta anti-social e é detectada na pré-adolescência e na adolescência. Entretanto se a escola, os pais ou os responsáveis tiverem um olhar aguçado e, uma *amorosidade* por esses atores poderão demorar na sua interferência, agindo tardiamente para uma possível recuperação do indivíduo.

Além das diferenças de sexo interferirem na agressividade, pode-se dizer que as diferenças individuais também podem ser observadas.

As pessoas respondem a atitudes hostis de vários modos, ou se calando diante do conflito ou contra-atacando de modo violento sob o seu adversário sem temer as conseqüências. Tanto uma atitude como outra tem que ser refletida pelos educadores, com o objetivo de proteger igualmente a *vítima* de ser machucada ou do *agressor* de cometer um ato ilícito.

Segundo Shaffer (2005) existem diferenças individuais na personalidade do agressor; segundo pesquisas recentes apontam para dois tipos de crianças como as *agressoras proativas e agressoras reativas*. Para entender melhor o conceito de cada um o autor qualifica que:

Os *agressores proativos* são os sujeitos que respondem a hostilidade de seus pares após um tempo de processamento do fato conflituoso, ou seja, são pessoas meticolosas, antes de entrarem em uma briga pensam e refletem para depois revidar. São bastante confiantes de que sua agressão dará resultado em termos de benefícios tangíveis (como o controle de um brinquedo disputado) e são inclinados a acreditar que podem melhorar a sua auto-estima

dominando outras crianças, que geralmente se submetem a ele antes que um mal maior seja causado.

Em síntese

Agressores proativos: são crianças extremamente agressivas que realizam atos agressivos com facilidade e se apóiam na agressividade como um meio de resolver problemas sociais, bem como de atingir objetivos pessoais. (Shaffer ,2005, p..494)

Quanto ao *agressor reativo* é o sujeito que reage a um conflito *retalhando* os seus pares sem pensar nas conseqüências da sua ação, ou seja, é o chamado pelo senso comum de pessoa do *pavio curto*. São pessoas que tem uma personalidade de característica provocativa, são rebeldes, agitadas, impetuosas, irritantes, desconfiada e sistemática. Muitas vezes vêem os outros como adversários hostis que merecem ser tratado de maneira agressiva. Portanto, adoram irritarem os seus pares, não tendo muitos amigos.

A despeito disso Para

Agressores reativos: são crianças que demonstram altos níveis de hostilidade e agressividade retaliadora, porque atribuem intenções hostis a outros em demasia, não conseguem controlar a raiva o suficiente de maneira a reagir não agressivamente a seus problemas.

Curiosamente, cada um desses grupos de crianças agressivas apresenta vieses diferentes no processo de informação social, o que contribui para altos níveis de comportamento agressivo. (Shaffer , 2005 p. 494)

Diante de tantas diferenças como poderia o educador lidar com a questão da agressividade?

Antes de tratar do assunto, que apresenta inúmeras dificuldades é importante considerar que o mundo da criança não coincide com o do adulto. Por conseguinte é oportuno que o ambiente de convivência da criança seja organizado de modo que ela possa ter pouca oportunidade de ficar a mercê dos seus impulsos agressivos. Entretanto isso pode envolver considerações

da natureza da organização do equipamento, do mobiliário, das atividades, das brincadeiras etc.

Capítulo IV

A qualidade das intervenções Pensando no espaço físico e nas relações humanas

A partir de um reconhecimento da agressividade na criança, descrita no capítulo anterior se pretende identificar formas de lidar com ela, especialmente nos espaços de convivência infantil.

Por isso,

[...] toda a criança tem em comum a despeito da idade, formação do meio em que vivem... (Winemam ,1986, p.14)

Seguindo uma mesma perspectiva teórica sobre como ajudar a criança agressiva Alan Train (2003) mostrou que cada ser humano nasce com uma personalidade própria, singular, reagindo diretamente aos fatos que estão à sua volta e isso ocorre também em relação à agressividade.

A preocupação particular destes autores ao estudar como lidar com as crianças agressivas trouxe grande contribuição para as reflexões sobre o assunto e para a prática educativa *social-afetiva* de modo que as *intervenções* ou *mediações* junto às crianças ajudem a evitar conflitos indesejáveis num espaço de convivência infantil.

Os usos destes autores serviram como ponto de partida e apoio para uma reflexão sobre como é possível de intervir para obter um bom desenvolvimento da personalidade da criança na convivência com os seus pares, sobretudo aquelas que são agressivas.

Os trabalhos de Winemam (1986) e Train (2003) mostram características comuns em relação à agressividade infantil e o modelo de *intervenção* descrita por eles é contribuir para que a elas fiquem, cada vez menos, a mercê dos seus impulsos como já foi ressaltado anteriormente. Portanto, isso envolve a natureza do equipamento, do mobiliário, da rotina do cotidiano educativo, da química das pessoas com quem a criança vai interagir, etc.

Na perspectiva dos teóricos dois fatores clássicos podem servir como modelos para o bom convívio com crianças de comportamento difícil, justificando que o *ambiente* de convivência da criança com outras *pessoas*, tem que ter uma atmosfera favorável e harmoniosa para ela aprender a lidar com o material de desejos e fantasias. Que os adultos que cuidam dela, a trate com gentileza e amor, sejam calorosos para que haja uma boa relação de respeito entre todos, mesmo ante as situações intempestivas.

Essa primeira *intervenção* pode favorecer para que a criança temperamental se converta aos poucos em um sujeito mais natural observando os padrões de boa convivência pacífica, harmoniosa e de respeito.

Outra sugestão é que os profissionais que trabalham com crianças difíceis em instituição de ensino *conheçam o drama psicológico* por qual a criança intempestiva vem passando. Depois unidas com a família demonstrem interesse comum pela causa, com o propósito de trabalhar em conjunto para que a tarefa de ajudá-las seja eficaz para o bom desenvolvimento.

Os estudiosos em questão mostram que outro fator importante dentro do espaço de convivência infantil é a *rotina*. A rotina bem planejada e cumprida ajuda a manter as crianças afastadas de conflitos. A *rotina* num espaço de educação infantil se torna um fator para o fortalecimento dos comportamentos adequados. Assim, a simples organização dos horários para a realização de tarefas clássicas e das tarefas corriqueiras tem um grande efeito tranquilizador nas crianças, mesmo quando ocorrem tarefas que elas não gostam de fazer.

De acordo com Winemam (1986) as *brincadeiras* enquanto recreação são importantes para o desenvolvimento do *ego* da criança, porém elas devem ser planejadas levando em conta o padrão sociológico delas. Ou seja, as *atividades recreativas* devem ser planejadas de modo a mediar o divertimento da criança, sem que exijam delas esforço acima das suas possibilidades para que não as leve à sublimação ou à intolerância. Assim sendo as brincadeiras têm que estar de acordo com a idade da criança com o objetivo de lhe dar *segurança* física e cognitiva e de lhe proporcionar lazer e prazer na realização.

As *brincadeiras* e os *brinquedos* utilizados para divertir as crianças devem favorecer a cooperação e a convivência social. Além disso, elas não podem ser

colocadas para a criança como uma recompensa ou suborno, ou seja, é direito de toda criança brincar.

Contudo Winemam (1986) e Train (2003), afirma que a criança não vê a *permissividade* total por parte do adulto como símbolo de afeição. A *permissividade* não é uma base de segurança, ou seja, a criança para se sentir segura precisa de limites e de apoio externo. Assim sendo o que ela espera como papel protetor por parte do adulto é a sua confirmação (permissão). Espera que o adulto imponha limites nas suas transgressões. Portanto para o autor imposição de limites faz com que elas se sintam desejadas, aceitas e amadas pelos educadores e pais que com elas interagem. Essa expressão de cuidado e preocupação que o adulto demonstra ter pela sua segurança vai, deixá-las mais tranquilas frente as suas decisões e escolhas.

Para os autores outro fator que interfere na formação de um comportamento menos agressivo na criança é a simples *proximidade* geográfica do adulto. Só o fato de o educador passar discretamente perto dela sempre que ela estiver a ponto de explodir ou demonstrar situações de inquietação, ansiedade ou excitação já é uma *intervenção* básica para evitar um conflito. Desde que essa proximidade física não venha seguida de regras punitivas ou ameaçadoras.

Segundo os autores citados, o *humor* é o modo de se *comunicar* que o adulto utiliza para se relacionar com a criança e também interfere muito para amenizar a intolerância delas. Descrevem que os pequenos têm uma visão de que o adulto é um oponente hostil no caminho deles.

Portanto a criança consegue sentir a intolerância que o adulto tem por ela pelo nível de *humor* e pelo modo como ele *conversa* com ela. E é pelo nível de *humor* e pelo tom de voz que o adulto usa para *dialogar* com a criança que faz com que esta avalie o volume de afeição ou rejeição que estão recebendo por parte do adulto. É através dos canais *indiretos de comunicação e humor* entre ela e o mediador que vão desencadeando os conflitos no grupo. Porque o mau humor e a falta de diálogo com respeito e sinceridade são contagiosos entre os grupo de pessoas instaurando assim um clima de difícil conveniência.

O adulto, principalmente pais e professores, são a maior referência para a criança. Se estes tratam as demais pessoas de modo brutalizados a tendência é a criança imitar tal postura.

Se você trata as pessoas ao seu redor com agressividade, ela pensará que é assim que se deve comportar. Todas as crianças se espelham nos adultos que lhe são significativos. As crianças frágeis fazem isso de forma ainda mais acentuada, pois essa é a maneira mais segura de operar. (Train ,2003 p. 162).

Outro fator que gera conflito entre as crianças é a *limitação e economia de materiais*. Na perspectiva dos autores a criança tem que receber toda a atenção possível frente às suas necessidades básicas. Deste modo os materiais *pedagógicos, alimentícios, mobiliários, brinquedos, espaço físico, pessoas*, etc, têm que ser proporcionais ao número de crianças em uma instituição de educação infantil para que não seja necessário desencadear um conflito por causa da falta de algum item de necessidade básica. A *economia* e a *limitação* de suportes educativos podem impedir a edificação da aprendizagem, desenvolvimento e maturação da criança.

De acordo com os mesmos autores, para manter um ambiente saudável e evitar conflitos a *organização* tem que ser mantida e adequada a favor de todos. O educando tem que perceber como a *organização* do espaço e dos materiais é importante para convívio tranquilo e sem traumas, porque no momento em que necessitar ocupar algum espaço o encontre arrumado ou quando precisar de algum objeto o encontre com facilidade. O objetivo da *organização* é propor que as atividades ocorram num sentido mais harmonioso tanto para a criança como para o profissional.

Winemam (1986) e Train (2003), ressaltam que para diminuir as ocorrências de conflitos entre as crianças, e *reforçar* o autocontrole do seu comportamento é utilizar como medida a *punição*⁸ e a *recompensa*⁹ de maneira bastante

⁸ Punição neste caso não é tratar a criança de modo bruto ou com estupidez, e sim conversar com ela deixando claro que, se ela insistir no erro ela vai receber um castigo. Porém a criança só poderá receber um castigo quando ela for esclarecida do porque esta sofrendo tal punição. Sendo que, antes de tudo ela tenha consciência que o que estava fazendo é errado, porque senão ela vai pensar que esta sofrendo uma

adequada. No sentido de valer-se da *punição* quando ocorrer situações de mau comportamento e de *recompensa*, quando ocorrer situações de bom comportamento. Esta medida segundo eles vai aos poucos construindo, na criança, autocontrole de suas intempéries e moldado a sua personalidade para que ela se sinta auto-suficiente e autônoma.

Porém, não se pode considerar que a criança agressiva seja a única responsável pelas suas ações. Ela é emocionalmente vulnerável, a última coisa que ela necessita é de alguém que a castigue. É mais plausível pensar em termos de premiação para tentar ajudar na mudança do seu comportamento do que somente em castigo. Neste sentido, ter mais variedades de recompensa do que de castigo aos poucos vai extinguindo o seu mau comportamento e moldando a sua personalidade.

Sabemos que as punições são inevitáveis, entretanto, os estudiosos sugerem que o lugar do castigo não seja visto pela criança como um ambiente para puni-lo, mas que seja visto como um espaço positivo. Ou seja, o lugar de punição na realidade tem que ser reconhecido por ela como o espaço que ela tem para se acalmar e não para se aborrecer ainda mais, a ponto de sair quebrando tudo que se encontra pela frente.

Os mesmos estudiosos mencionam que a criança agressiva tem um baixo nível de auto-estima. Neste sentido, cada uma tem suas necessidades específicas, deste modo eles sugerem que para cultivar um ambiente de tranqüilo e manter a estabilidade dos impulsos é necessário sempre deixá-la informada do porque está sendo punida, assim a criança começará a monitorar o próprio comportamento.

Portanto, para ajudar a evitar alguns conflitos é necessário estudar minuciosamente a personalidade de cada criança e reconhecer o que é que a irrita para possivelmente se antecipar a suas intempéries. Neste contexto é plausível colocar a criança com comportamento difícil num ambiente ou junto com um grupo que minimize a chance de uma crise.

injustiça. Winemam (1986) sugere que tire da criança alguma coisa que ela gosta muito. Contudo deve-se devolver o que foi tirado assim que a criança apresentar melhoras no seu comportamento.

⁹ Recompensa neste caso para Winemam (1986), é recompensar (premiar) a criança pelo seu bom comportamento, mesmo que seja com palavras de estímulo ou cumprindo o que foi prometido.

Capítulo V

É possível o educador lidar com a agressividade na infância.

Para Train (2003), a criança agressiva é extremamente manipuladora e se sente o centro do universo. Neste sentido o adulto tende a considerá-la dominadora, barulhenta, decepcionante, tempestiva, abrutalhada, constrangedora, aborrecente e assustadora.

Para ele esse modelo de criança apresenta dificuldades de acompanhar a turma adequadamente, e responde à frustração do não aprender de modo agressivo, barulhento e inquieto.

Portanto, para o teórico, se o professor quiser ajudar a criança com tais características, ele sugere que este olhe primeiro para si, e se conheça melhor, verificando qual é o ponto central do seu ensino, ou seja, se o professor preocupa-se mais em ensinar conteúdos; com as dificuldades de aprendizagem das crianças; ou com o seu padrão de comportamento.

Neste sentido o estudioso, comenta que, se o professor focaliza seu trabalho de *ensinar conteúdo* para assegurar que todas as crianças completem o currículo, ele está criando problemas graves de disciplina para si mesmo, colocando, que:

[...] as crianças são seres humanos e precisam se sentir como tal, e não tratadas como material que passa pelo sistema. Que o professor não deve se sentir somente como especialista cujo papel é apenas de transmitir conhecimento .(Train, 2003, p. 127).

Se o docente ficar só na estimativa de *transmitir conteúdos* e não se preocupam em tirar um tempo para conhecer os seus alunos, estes ficarão entediados com a sua aula e se comportarão mal, agredindo uns aos outros.

Assim, *de nada adianta preparar material estimulante se não se focaliza a necessidade que cada criança tem de atenção.* (Train, 2003 p. 128)

A atenção é dada, quando o professor procura conversar com as crianças coisas pessoais sobre suas vidas, mostrando interesse por elas. É necessário que ele seja visto como pessoa que está lá para colaborar.

Se o docente *enfocar as dificuldades de aprendizado* pelas quais a criança está passando, ele está no caminho certo, desde que, ele tenha a habilidade de somar a isto um bom currículo, um material estimulante e acima de tudo apresentando muito entusiasmo e interesse pelo aluno. Deste modo, seu trabalho terá mais chances de êxito. Inclusive quando buscar incluir principalmente a criança que responde a frustração do não aprender de modo agressivo. Nesse sentido o professor:

[...] deve ver seu papel como o de estar presente para identificar o momento em que isso ocorre e não para reclamar quando isso ocorre. Muitos professores caem na armadilha de acharem que as crianças que estão tendo dificuldades atrapalham. De alguma forma, as coisas seriam mais diferentes se esta ou aquela criança não estivesse presente. Supõe-se que é possível ter um grupo homogêneo padronizado. No plano teórico, podem todos ser igualmente capaz, mas, em termos de desempenho real, isso nunca ocorre, por causa dos inúmeros fatores. (Train, 2003, p.129)

O autor descreve também que se o professor, demonstrar interesse e preocupação pela criança, esta interpretará o seu interesse como preocupação por ela enquanto pessoa. É essa demonstração de interesse que vai ajudá-la a conter os problemas de comportamento.

Além disso, se uma criança se frustra porque não consegue realizar uma ou outra atividade, porque não entende alguma coisa, fica agitada pode começar a fazer bagunça, a provocar os colegas e a fazer todo o possível para atrapalhar o andamento das coisas.

Contudo se o professor tem um olhar criterioso e é *um observador de comportamento*, será capaz de evitar as crises explosivas. Logo,

[...] ver o comportamento de algumas crianças como indicador de seus processos de aprendizagem é, portanto, parte muito importante do ensino. É igualmente importante ver o comportamento delas como um possível reflexo do seu próprio comportamento. (Train ,2003 p.. 131),

Assim sendo, o autor menciona que, na medida que o professor percebe que ele também pode ser a causa do mau comportamento da criança e buscar transformar essa situação para dar uma chance para a criança se sair bem, ele está no caminho correto. Caso contrário, vai gerar o mesmo estilo de comportamento nas crianças, e estas poderão ficar marcadas pelo resto da vida, devido o jeito dominador do professor.

Portanto, se o docente:

[...] for firme e justo nos seus limites, e se combinar um interesse genuíno não só no trabalho das crianças, mas também nas suas vidas, então, realmente conseguirá motivá-las. Elas por sua vez, apresentarão poucas dificuldades de comportamento. (Train, 2003, p. 131)

Para o estudioso a criança agressiva precisa muito de controle externo, porém o professor que lida com essa criança também precisa ter autocontrole nas suas interferências. Se ele não se sente capaz de lidar com a agressividade da criança, é necessário que seja honesto consigo mesmo, e não se sinta incompetente, envergonhado ou culpado e não deve abandonar a situação , mas é importante que procure apoio do diretor e de outros profissionais da instituição. É fundamental que o profissional não seja negligente e nem preconceituoso a ponto de ficar estigmatizando a criança e culpando os pais pelo mau comportamento dela.

O autor mostra, ainda, que é comum algum profissional de educação e os pais culparem-se uns ao outros sobre o comportamento difícil da criança. No entanto a melhor iniciativa para diminuir a agressividade é a união de ambas as

partes, buscando apoio positivo e assim estabelecerem intervenções que ajudem a minimizar os episódios agressivos.

Portanto, o autor conclui que conclui que:

Para cada problema que a criança apresenta, há no mínimo seis possíveis caminhos de ação a tomar e não se pode garantir a eficácia de nenhum deles. O trabalho dos profissionais se complica por causa da química singular que cada criança apresenta. (Train ,2003 p. 137)

O estudioso sugere dois pré-requisitos necessários para os profissionais que atuam com crianças difíceis e agressivas.

Primeiro refere-se ao fato de o professor procurar manter uma relação afetiva, ou seja, gostar de criança. Se ele perceber que na troca de afetividade sente algum problema de incompatibilidade com personalidade da criança, ou seja, que não consegue se dar bem com ela é melhor usar de honestidade consigo mesmo e, pedir ajuda para outra pessoa da equipe. Elaborando com o colega que vai ajudá-lo estratégias para evitar tais explosões, sem precisar colocar em risco o relacionamento do professor com o aluno.

O que não pode acontecer é deixar a sua antipatia pela criança atrapalhar o desenvolvimento, aprendizado e maturação, porque de acordo com Train, (2003), ela é extremamente sensível e sente quando esta sendo rejeitada, dependendo da coerência e da abordagem usada pelo professor.

Neste sentido, o mesmo autor, sugere que antes o professor combine com antecedência um código com o colega que se dispôs a ajudar. Por exemplo, quando o professor perceber que a criança vai explodir, pede para a criança realizar uma tarefa, como chamar o outro professor para assim criar um novo centro de interesse.

Outra ajuda pode vir do auxiliar de classe, dos pais, de outros alunos. Enquanto você esta trabalhando com os demais alunos, estes atores em potencial, pode ficar dando outro tipo de reforço à criança. No caso da auxiliar

de classe, ela pode cuidar da classe enquanto o professor estiver dando uma atenção especial à criança vulnerável. O colega que mais se identifica com ele, pode fazer dupla para realizarem alguma tarefa juntos. A presença dos pais serve para manter o controle da criança, a ponto dela perceber que pode agir naturalmente e encarar os obstáculos sem necessariamente precisar explodir.

Assim, a simples presença do colega de equipe, pais, ou outro aluno é o suficiente para chamar a atenção da criança e esvaziar a crise em potencial.

O segundo pré-requisito consiste no fato de o professor ser capaz de interpretar o comportamento da criança, ou seja, ser capaz de antecipar, conseguir avaliar com precisão o comportamento da criança e saber quando sua intervenção é essencial. Perguntando a si mesmo se o comportamento barulhento ou ofensivo da criança incomoda somente a você ou se aborrece a todos da sala. Porque

Muito do comportamento agressivo da criança não é prejudicial. Ela pode gesticular com os braços ou gritar, mas se não estiver se machucando ou ferindo outras pessoas, você deve se perguntar se não é melhor guardar os controles para um momento em que poderia ser utilizada com mais eficácia. Quando ela age de maneira barulhenta ou ofensiva pergunte se isso não incomode somente a você. Se não for só a você, não fique constrangido de informá-la disso: se você estiver permitindo que ela se comporte assim porque não se incomoda e mais ninguém está envolvido, diga isso a ela. Mas nunca sofra em silêncio. A criança precisa saber que alguém está no comando e que, se ela está sendo barulhenta ou inconveniente, é apenas porque estão permitindo que ela o faça. (Train ,2003 p. 140)

Em suma, de acordo com o mesmo autor, a criança agressiva precisa ser tratada com coerência, ou seja, precisa receber limites claros, regras claras querem seja na escola ou em casa.

Na mente dela, a coerência equivale à justiça e ela reagirá com agressividade se perceber que você não aplicou as regras estabelecidas. Uma pequena infração pode parecer trivial para você, mas para a criança, é tão significativa como qualquer outra. Portanto quando a criança se comportar mal o professor tem que interferir se quiser atingir algum objetivo.

Deste modo o profissional não deve ver a intervenção como uma ameaça a seu profissionalismo, pelo contrario, ela é um sinal de genuíno compromisso ao lidar com uma criança agressiva. . (Train ,2003 p. 163)

Buscando entender melhor na prática do educador e averiguar como pode ser possível trabalhar a questão dos conflitos gerados na sala de aula e em particular com as crianças consideradas agressivas, busquei observar dois professores e seus alunos em duas creches. Os conteúdos destas observações estarão descritos detalhadamente no próximo capítulo.

Capítulo VI

Estudo de campo:

Descrição das observações

A prática vista e vivida.

Como já foi mencionada a origem deste trabalho surgiu pelo interesse à questão da agressividade na infância, com objetivo de observar como o professor lida com os conflitos no espaço de educação infantil.

Porém, este capítulo surgiu das observações do trabalho de duas professoras que trabalham com crianças de 5 anos de idade em creches pública.

Para descrever sistematicamente este capítulo, escolhi apresentar cada conflito, na intenção de delinear mais claramente a abordagem das intervenções utilizadas pelas professoras para harmonizar a agitação das crianças com seus pares.

No entanto antes de partir para a descrição dos acontecimentos, vou resumidamente descrever o espaço físico que caracteriza cada uma das creches e do grupo observado que inclui professora e alunos.

De acordo com os estudiosos Winemam (1986) e Train (2005) a organização dos espaços, é importante para o estabelecimento de vínculos e para evitar os conflitos entre as crianças.

Foram observadas duas creches. A **Creche H** segue uma linha de educação humanista e **creche T** segue uma linha educativa tradicional.

Parte 1 - Descrição das observações

Creche H

Esta creche esta localizada na periferia da Zona Leste de São Paulo, Brasil no Bairro de Itaquera e da atendimento a 120 crianças de 0 a 6 anos de idade, contando com 7 salas sendo 2 berçários e 5 salas de atividades infantil.

As crianças atendidas são as crianças do entorno, que moram numa favela próxima a creche e crianças que vem dos bairros próximos, que são deixadas na creche pelas mães que trabalham próximo do local. Este lado de Itaquera esta localizado no ponto comercial do bairro, ficando na entrada de quem vem do centro da cidade de São Paulo.

A creche tem uma proposta sócioeducativa elaborada a partir da visão humanista-cristão. Ou seja, propícia um processo educativo integral às crianças voltadas a dimensões de acolhida, solidariedade, consciência planetária, religiosidade, investigação e criatividade. Compreende a educação como bem comum a todos os cidadãos sem nenhuma exclusão. Tem como mantenedora uma congregação de irmãos religiosos, ligado a igreja católica.

Recebe uma parte de verba da SAS (Serviço de Assistência Social) órgão vinculado a Prefeitura da cidade de São Paulo.

As turmas estão divididas em:

Berçário 1 acolhe criança de 4 meses até 1 ano de idade;

Berçário 2 acolhe crianças de 1 ano de idade;

Infantil 2 acolhe crianças com 2 anos;

Infantil 3 acolhe crianças com 3 anos;

Infantil 4 acolhe crianças com 4 anos;

Infantil 5 acolhe crianças com 5 anos;

Infantil 6 acolhe crianças com 6 anos.

A creche conta com o apoio de 1 representante dos mantenedores do projeto, 1 coordenadora pedagógica, 1 diretora administrativa 1 assistente social, 1

auxiliar administrativa, 5 professoras, 10 (ADI) auxiliares de educação infantil, 1 auxiliar de classe, 1 enfermeira, 2 cozinheiras, 2 auxiliar de cozinha, 2 lavadeiras, 2 faxineiras, 2 porteiros, 1 ajudante geral, 1 funcionário de manutenção. No total 34 funcionários, 6 voluntários que acompanham as professoras e as ADI durante as atividades.

Na **creche H**, a classe observada tinha em média 27 crianças, sendo 13 meninos e 14 meninas, da qual indicaremos a criança geradora do conflito por um apelido fictício.

Para esta turma havia uma professora, aluna do 3º ano de Pedagogia que intitularemos como professora **HUM** para descrever as observações.

As características do espaço físico da **creche 'H'** são bastante boas. Tem uma construção com uma arquitetura moderna. Todos os espaços, salas, corredores, pátio, refeitório, parque, banheiros, atelier são bem amplos, iluminados por luz natural e, suficientemente seguros para as crianças se movimentarem.

A sala para desenvolver as atividades tinha alguns recursos mas estava organizada de um modo bem desprovido. Contudo, o tamanho da sala era bem grande deixando bastante espaço para a criança se movimentar dentro dela.

As carteiras para a realização das tarefas manuais ou para um lanche rápido ficavam no espaço do solário numa área junto à sala. Todas as outras salas tinham essa mesma característica.

Do espaço da sala da **creche 'H'** a professora e as crianças têm uma excelente vista para o parquinho e com fácil acesso a ele.

A cada duas salas na creche, uma tem acesso à outra, por uma porta divisória que é aberta facilmente por qualquer uma das crianças ou professora. Neste sentido a professora e a turminha observada por mim, dividia o espaço com outra turma de 3 anos, ficando cada um no seu cantinho, onde muito raramente acontecia de uma criança ir para a outra sala e vice-versa.

Algumas vezes as professoras planejavam atividades conjuntas para socializar as crianças entre si.

Nos dias de chuva ou de muito calor as crianças não precisavam ficar confinadas na sala, porque havia lugares variados para trabalhar, lugares estes que eram utilizados constantemente pela professoras. Tinha um pátio coberto, o jardim, o parque, à parte de trás da creche, a recepção, a sala de vídeo, o atelier outro solário onde tinha alguns bancos e ficava no lado interno da creche.

Ao me apresentar para a professora, mostrei meu interesse em estar estudando a manifestação da agressividade na criança e como ela lidava com a situação.

Neste sentido ela já foi apontando para mim quem eram as crianças que ela considerava mais agressivas da turma.

Assim sendo meu olhar voltou-se para elas sem qualquer discriminação

Neste sentido, encolhi 4 conflitos para relatar, já com o foco nas crianças que a professora identifico-me como as mais conflituosas. Apesar de ter presenciado muitos conflitos, escolhi relatar os que estão em anexo porque foram os que achei mais relevante. Conseqüentemente vou relatar as características das intervenções, já que esta é a parte significativa deste trabalho registrando na medida do possível de modo mais puro o conteúdo dos acontecimentos.

Parte 2 - Descrição das observações dos conflitos

Creche H

Primeiro conflito:

Professora HUM.

Crianças 'To e Vi'

Durante a hora do sono "To" havia pegado um brinquedo para ficar ao seu lado enquanto dormia.

Encerra a hora do sono. Chega de uma outra sala o "Vi". Que mesmo sendo desta turma, como estava com um comportamento muito agitado, a pedido da professora foi levado pela auxiliar volante para dormir junto com uma outra turma, a de 4 anos, porque não deixava ninguém da sua turminha dormir.

Quando volta, depois da hora do sono, já chega com um rosto fechado, aparentemente nervoso, com um olhar especulador. Para! Gira a cabeça com um olhar atento, observa a turminha arrumando a sala, quando avista "Ti" segurando o brinquedo que usou para acompanhá-lo na hora do sono. 'Vi' parte direto na direção do coleguinha, e toma o brinquedo das suas mãos.

'To' se assusta com o gesto brusco de 'Vi'. Assim num impulso ele se levanta dá um tapa no coleguinha e pega o brinquedo.

'Vi' com muita raiva, fecha o punho e avança no companheiro, dando-lhe alguns murros, e toma novamente o brinquedo do amigo.

Até aqui a professora nada faz e, continua dando assistência às outras crianças que estavam arrumando a sala.

'To' começa a chorar e busca a atenção da professora.

A professora se aproxima, pega o brinquedo das mãos de 'Vi' segura o seu braço, curva o corpo, olha bem nos seus olhos e pergunta o que esta acontecendo.

'To' toma a frente e responde: *Este filho da puta tomou o brinquedo que eu tava.*

Quando 'Vi' ouviu o xingamento, se agita e dá um tapa bem no rosto do coleguinha com a intenção de arranhar o seu rosto com as unhas.

Nisto, toda a sala já estava parada e atônita, olhando o conflito armado.

Junto com o tapa saíram da boca do 'Vi' uma série de palavrões.

Neste momento a professora segurou mais fortemente o antebraço do 'Vi' para evitar que ele batesse mais no colega e, para deixá-lo próximo a ela na tentativa de conversar com eles.

Começa perguntando se ele não tem educação.

'Vi' não responde a sua pergunta. Começa a xingar a professora com os mesmos palavrões que usou para xingar o coleguinha.

Em meio a este tempo, 'Vi' se remexe todo para escapar da prensa que a professora estava fazendo no seu antebraço.

Como não conseguiu escapar, usou o outro braço que não estava preso e as pernas para tapear e chutar a professora na tentativa de evadir-se.

Nessas alturas, percebi que a professora não conseguia mais engatar nenhum diálogo com a criança.

Professora HUM pede para que uma outra criança vá chamar a auxiliara volante. Antes de essa chegar para ajudar, 'Vi' escapa da professora e foge para o parquinho, mostrando a língua empurrando e chutando quem ele encontrava a sua frente.

A professora se abaixa, olha para o 'To' e pergunta se ele está bem, e sem muitas palavras, mas com um tom carinhoso na voz pede desculpa pelo que o coleguinha fez e convida a criança a continuar o trabalho de arrumação da sala.

Algum tempo depois vejo 'Vi' no colo da auxiliar volante caminhando no jardim da creche, conversando tranquilamente com a auxiliar volante. Como eles estavam de longe, eu não pude ouvir o conteúdo da conversa. Mas a criança aparentava estar bem tranqüila, dando a impressão de que nada havia acontecido.

Neste dia ele não voltou mais para a sala, ficou andando pela creche de mãos dadas com a auxiliar volante.

A professora prosseguiu o seu dia sem comentar o assunto.

Segundo conflito:

Professora 'HUM'

Crianças 'Vi, Ro, Mi, Fá, e To'.

'Mi' é uma menina, ela estava sentada no chão da sala brincando com um ursinho de pelúcia.

Chega 'Vi' a mesma criança do primeiro conflito. Toma o brinquedo dela.

'Mi' solta um grito chorando para chamar a atenção da professora.

A professora tenta atravessar a sala para recuperar o brinquedo das mãos de 'Vi'. Antes que dela chegar até as duas crianças, num impulso 'Ro, Fá e To' pulam em cima de 'Vi'.

Os três caídos em cima de 'Vi' começam a bater nele. Ele solta o brinquedo e, reage a invertida dos colegas.

A professora tenta apartar a confusão.

Não consegue.

Neste caso eu tive que ajudá-la a separar as crianças. Mas quando tirava um o outro ia para cima.

A professora e eu repetindo várias vezes a palavra: *chega, pronto, acabou, deixa ele em paz*, conseguimos um tempinho depois fazer com que eles parassem de agredirem o coleguinha.

'Vi' meio choroso sai da sala. Não vi para onde foi.

Os outros três meninos e a 'Mi' mais calmos, foram cada um ocupando um espaço na sala.

A professora forma uma roda de conversa e pergunta para os presentes se eles acharam legal o comportamento dos colegas.

Algumas crianças responderam que não.

Professora pergunta porque.

Criança responde: *Porque eles brigaram e se bateram e, não pode brigar.*

Professora conversa com a sala, dizendo que brigar não é legal.

Encerra o assunto e inicia uma outra atividade.

Pergunto para a professora se ela não vai olhar para onde o 'Vi' foi.

Ela me responde que alguém vai vê-lo transitando pela creche e vai trazê-lo de volta.

Porém estava demorando muito para alguém trazê-lo de volta.

A professora avista 'Vi' no parquinho e pede para eu ir buscá-lo, dizendo que ele não podia ficar lá.

A princípio quando me aproximei e chamei-o para voltarmos para a sala, ele veio comigo com a maior boa vontade. Quando nos aproximamos da sala, num impulso ele começa a falar uma variedade de palavras para mim. Solta da minha mão e, mais uma vez foge para um outro lado da creche.

Um funcionário de serviços gerais é informado pela professora **HUM** do ocorrido. Este sai à procura da criança que não volta para a sala.

A partir deste ocorrido não o vi mais.

Terceiro conflito:

Professora 'HUM'

Crianças 'Gu, Ge e To'

Tinha terminado a hora do lanche, a professora pede para todos fazerem uma roda de conversa, só que desta vez com todos sentados no cantinho da sala no espaço do tapete e do sofá. Uns dos sofás ficaram disputadíssimos por esses três meninos. O conflito inicia com 'Gu e Ge' não deixando 'To' sentar-se no sofá.

A professora **HUM** continua arriscar-se em aplicar sua atividade, tentando ignorar a confusão que estava prestes a começar.

As crianças persistem no conflito.

Adiante, a professora não consegue dar prosseguimento à atividade por causa do barulho e agitação entre os três.

'To' continua a disputar o lugar no sofá.

Professora pede para 'Gu e Ge' deixar 'To' sentar. Estes ignoram o pedido da professora, e persistem na confusão, empurrando e chutando o colega.

A professora pede mais uma vez para eles pararem, e nada, as crianças não dão ouvido ao pedido dela.

Os dois se estirarem no sofazinho, para não dar espaço para o coleguinha sentar.

'To' persiste

'Go e Ge' continuam empurrando e chutando 'To'.

Professora tenta ignorar a situação conversando com os demais alunos sobre a próxima atividade.

Crianças continuam se atracando.

Professora para de conversar com as outras crianças e chama a atenção de 'To', dizendo que ele demora a entrar na roda e ainda quer escolher lugar.

'To' muito irritado dá um murro no rosto de 'Ge'.

'Ge' desconta o murro.

Professora pede para eles ficarem quietos.

'Go' parte para ajudar o companheiro e dá um tapa em 'To'.

Professora continua sentada assistindo o conflito e, avisa as demais crianças que 'To' está atrapalhando a atividade.

Pede para todos olharem para ele.

Todas as crianças param e ficam olhando para 'To'.

'To' emburrado tenta sentar no braço do sofazinho, mas é empurrado por 'Go'.

Professora prossegue a sua atividade conversando com algumas crianças que estão mais próximos a ela. Porém não consegue concluir a atividade porque tem que parar para chamar a atenção de 'To' que insistia em sentar no sofazinho.

Quando 'To' é empurrado e cai no chão, este levanta para bater em 'Go'.

'Ge e Go' não deixam, reagem primeiro.

'To' começa a chorar e pede a minha ajuda. Eu peço para os dois deixarem 'To' sentar-se ao lado deles. Digo que tem bastante espaço para todos. Eles irredutíveis, não deixam.

Quando digo que tem bastante espaço, eles se estiram no sofá, e dizem pra mim que não tem mais espaço. Os dois mantêm um sorriso irônico no rosto.

Professora para novamente a conversa na roda. E pede para 'To' sentar-se no chão.

Este, meio choramingando resiste ao pedido da professora e continua tentando sentar no sofazinho.

Persistente, 'To' dá um chute na perna de 'Ge', este olha pra mim e choruminga.

Professora vê a cena e pede novamente para 'To' sentar-se. Ele não senta.

Peço para 'To' sentar-se no chão ao meu lado. Ele senta, mas encosta a sua cabeça no braço do sofá.

'Go' inclina seu corpo no sofá estende as pernas e chuta a cabeça de 'To'.

Professora continua tentando conduzir a roda de conversa.

Peço mais uma vez para 'To' sentar-se ao meu lado.

Ele se aproxima chorando.

'Go e Ge' ficam rindo de 'To' que choruminga.

Este encosta a cabeça nas minhas pernas e se acalma.

Professora não consegue concluir a atividade. Porque inicia uma nova discussão com outras duas crianças.

Professora aparentemente irritada, fala com voz firme aos dois meninos dizendo:

— *Agora são os dois, podem parar, podem parar agora.*

Levanta-se pega alguns brinquedos e distribui para as crianças, a roda de conversa não acontece.

Quarto conflito

Professora 'HUM'

Crianças 'Le e Sa e La'.

Eu estava ajudando a professora organizar uma atividade.

Num passe de mágica 'Le' da um tapa em 'Sa'. De um outro canto da sala eu e a professora vemos o ocorrido.

Professora se aproxima e pergunta o que esta acontecendo.

E chega falando para o 'Le':

— *Justo você que é um menino tão bonzinho teve coragem de bater no colega.*

'Sa' esta chorando.

'Le' responde que bateu em 'Sa' porque ele xingou 'La' de gorda.

'La' também esta chorando. Algumas coleguinhas se aproximam para consolá-la.

Professora chama 'La', e pede para o 'Sa' pedir desculpas para a amiguinha.

Nessa hora todas as crianças já tinham feito uma roda em volta do grupo para assistir a sena.

'Sa' com o rosto fechado, aparentando desconfortável com a situação, se recusa a pedir desculpas para coleguinha.

Professora pergunta:

— *Você gosta quando alguém te xinga.*

'Sa' responde girando a cabeça que não.

Professora insiste falando:

— *Você gostaria que seus coleguinhas xingassem você de gordo, feio, fedido, sujo, ia.*

Ele continua girando a cabeça

Professora tenta dar um sermão sobre preconceito, e conclui dizendo que, o que 'Sa' fez estava errado e insiste para que ele peça desculpas.

'Sa' sem olhar para 'La' sussurra baixinho alguma coisa e, sai de perto de todos.

Professora passa a mão na cabeça de 'La' e pede para ela não ficar triste. E continua com a rotina do trabalho.

Comentário

A conflitos acontecem sistematicamente cada quinze ou vinte minutos no máximo entre as crianças de 5 anos. Os casos mais corriqueiros são os tapas, empurrões, xingamentos, posse de objetos, chutes, puxões de cabelo e disputa de lugares.

São variadas as intervenções utilizadas pela professora HUM, porém na maioria das vezes, não é possível detectar o conflito. Quando menos se espera ele já está armado. Nestes casos quando a professora não sabe o motivo da confusão, dependendo da atividade ela para o trabalho da uma bronca nas crianças que estão tumultuando e tenta seguir em frente. Às vezes só um “*para com isso*” funciona logo na primeira, segunda, terceira tentativa. Algumas vezes, falar assim faz com que o conflito tome maiores proporções.

Nos casos mais corriqueiros, como xingar, empurrar e tomar objetos a maioria das intervenções adotada pela professora **HUM** é colocar uma criança uma na frente da outra e solicitar para a agressora pedir desculpas para o colega, e fazer um pedido de desculpas, devolver-lhe o objeto ou o lugar assediado.

Se a confusão vem acompanhada de contato físico a professora aproxima-se e separa as crianças e encerra o assunto sem muito questionamento. A única fala é pedir para a criança não fazer mais aquilo. Ela vira as costas a criança repete a ação. Neste sentido ela tem que usar de mais autoridade.

A intervenção mais corriqueira usada pela professora quando ela resolve se envolver no conflito é colocar as crianças uma na frente da outra, e fazer a vítima falar para o agressor o que ela está sentindo. A professora sempre sustenta o mesmo diálogo.

Diálogo este que ela sempre usa para trabalhar as questão dos tapas, empurrões e xingos entre as crianças.

Exemplificarei aqui um fato conflituoso para mostrar o diálogo utilizado pela professora para tentar fazer a vítima expressar seus sentimentos para a criança que está atacando-se com ela.

'Ma' é uma das crianças apontada pela professora como agressiva. 'Fe' é uma criança muito ativa e participativa.

'Ma' bate, xinga, gospe, chuta, empurra, puxa cabelo, toma o brinquedo de 'Fe'.

'Fe' chora.

Professora vê toda a cena e se aproxima perguntando o que esta acontecendo.

'Fe' conta o que a professora já tinha visto.

Professora chama 'Ma' e pede para ele pedir desculpa.

A professora conduz o diálogo entre as crianças, pedindo para 'Fe' falar com 'Ma' repetindo as suas palavras. Exatamente como eu vou descrever.

Professora:

— *'Fe' fala pro 'Ma' que o tapa que ele te deu doeu.*

A criança repete as mesmas palavras.

Professora: *'Fe' fala pro 'Ma' que a guspida que ele deu em você, e o palavrão que ele falou com você te magoou e deixou você triste e chateado.*

'Fe' repete:

'Ma' você me magoou.

Professora: *'Fe' fala pra ele que ele não pode te empurrar, se não você pode se machucar e aí você vai ter que ir para enfermaria e a professora vai chamar a mãe dele e contar que ele está se comportando mal.*

'Fe' arregala os olhos e não consegue reproduzir essa fala.

Professora: *Fala 'Fe'.*

Criança continua em silêncio.

E encerra o diálogo com a 'Fe'.

Agora é a vez de 'Ma'.

Professora: *'Ma' pede desculpa para o 'Fe'.*

— *Desculpa.*

Professora: *Fala que você não vai mais fazer isso.*

— *Eu não faço mais isso.*

Professora:

— *Agora dá um beijo e um abraço na amiguinha.*

'Ma' se retrai um pouco, se recusando realizar a ação.

Professora insiste.

Criança abraça dá um beijo no rosto da amiguinha e a atividade continua.

Esse modelo de intervenção para manter a harmonia na turminha é usado constantemente pela professora. Com um detalhe, ela só intervém junto com aquelas crianças que no seu ponto de vista não são consideradas agressivas, e, que quando se comportam mal é possível articular com elas. Porque para ela, tem algumas crianças que é impossível dialogar, então é melhor só separar as crianças para atenuar o conflito.

Presenciei muitos casos como este onde a professora só tentou distanciar uma criança da outra. Num passe de mágica eles se atracavam novamente.

Nestes casos a professora chamava a auxiliar volante e pedia para ela ficar com a criança. Outras vezes dizia que ia mandar a criança para o berçário.

A idéia de mandá-las para o berçário as assustava muito, mas fazia a criança melhorar o seu comportamento por hora, mesmo as com comportamento considerado difícil.

Aparentemente, elas não gostavam nada da idéia de ter que ficar no berçário.

Caso uma ou outra criança insistisse em não colaborar, a professora chamava a auxiliar volante e pedia para ela levá-la para o berçário. A criança formava um pampeiro e se esperneava para não ir.

Observei que a professora algumas vezes não dava importância a todos os conflitos ocorridos, deixando as coisas passarem naturalmente, como se nada estivesse acontecendo.

Constato que ela conservava um vínculo afetivo com as crianças. Mesmo com as que ela considerava difícil.

Constato também que algumas vezes ela se colocava meio distante de uma ou outra criança, dava a impressão de incompatibilidade de gênio (personalidade).

Parte 1- Descrição das observações

CRECHE T

Esta creche esta localizada na Região Oeste de São Paulo, Brasil no Bairro de Perdizes e dá atendimento a 120 crianças de 0 a 6 anos de idade, contando com 8 salas sendo 2 berçários e 6 salas de atividades infantil.

Apesar do Bairro de Perdizes ser considerado de classe média alta, as crianças atendidas na creche são moradoras dos cortiços e pensões que tem nos arredores. A Unidade também atende crianças de mães trabalhadoras que vem da periferia da Zona Oeste para trabalhar no entorno da creche.

A creche tem uma proposta sócio-interacionista construtivista na sua concepção, que visa promover o bem estar, a saúde, a alimentação e o desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológico, intelectual, lingüístico moral e social. Porém, no meu ponto de vista, na sua pretensão ela trabalha com uma postura tradicional, no sentido de considerar a criança como um adulto em miniatura. Ou seja, compreende a educação como garantia de manter o silêncio e a ordem acima de tudo, mantendo as crianças numa postura passiva.

Esta vinculada a uma associação que não pode ser identificada e recebe uma parte de verba da SAS (Serviço de Assistência Social) órgão vinculado a Prefeitura da cidade de São Paulo,

As turmas estão divididas em:

Berçário I (A, B e C) atende criança de 0 até 1 a 2 anos de idade;

Berçário II (A e B) atende crianças de 1 ano de idade;

Mini grupo (A e B) atende crianças com 2 a 3 anos;

1º Estágio (A e B) atende crianças com 3 a 4 anos;

2º Estágio (A e B) atende crianças com 4 a 5 anos;

3º Estágio atende crianças com 5 a 6 anos;

A creche conta com o apoio de 1 coordenadora pedagógica, 1 diretora administrativa, 10 (ADI) auxiliares de educação infantil, 1 auxiliar de classe, 1 enfermeira, 2 cozinheiras, 1 auxiliar de cozinha, 1 lactaria, 2 faxineiras que também faz o trabalho de lavanderia. No total 20 funcionários.

A professora observada para desenvolver os conteúdos propostos acompanhava uma turma composta de 25 crianças com idade de 5 anos, sendo 12 meninos e 13 meninas. Ela estava estudando o 4ª período de pedagogia, da qual a intitularemos de professora **TRA** para descrever as substâncias das observações.

A **creche T** tem um espaço físico bastante rudimentar.

Sua arquitetura é bem antiga. Dividida em dois andares.

Para chegar à parte superior da **creche 'T'** onde ficava a sala para desenvolver a maioria das atividades, as crianças tem que caminhar pelo lado de fora da creche e subir uma escada.

Todos os espaços, salas, corredores, pátio, refeitório, parque, banheiros, atelier são bem pequenos e rudimentares, com pouca iluminação natural em alguns cômodos.

Toda a creche aparentemente é segura, porém incômoda para as crianças se movimentarem. O tamanho da sala onde acontece a maior parte das atividades também era muito pequena, deixando pouquíssimo espaço para a elas se movimentar dentro dela.

Nos dias de muito calor as crianças ficavam incomodadas com o sol que batia na sala. Neste caso a professor tinha que apertar ainda mais a sala para tirar um grupo de oito crianças que ficavam expostas ao sol.

Nos dias de chuva as crianças tinham que ficar confinadas ao espaço da sala aula ou da sala de vídeo, assistindo desenho.

O modo como as crianças e a professora da **creche 'T'** ficavam emparelhadas no espaço da sala não conseguiam ter visão externa, só visualizavam mesmo as paredes da própria sala e a janela aberta que era muito alta e estreita.

A mesinha para a realização das tarefas manuais é dividida em quatro lugares e ficava todo o tempo dentro da pequena sala. Portanto durante o período de observação não vi, em nenhum momento acontecer a roda de conversa.

Durante as horas que os acompanhei, observei que as atividades eram todas voltadas ao aprendizado das letras do alfabeto, numerais, pintura de desenhos e alguns jogos com brinquedos diversos.

A professora quem escolhia o brinquedo para dar a criança a quem ela quisesse. A criança nem por um momento poderia escolher o brinquedo. Quanto mais a criança demonstrasse desejar o brinquedo menos direito ela teria de ficar com ele. Algumas crianças ficavam emburradas e se recusavam a brincar. Encostavam a cabeça na mesa e ficavam quietinhas, porém triste. Chegava a bater no colega porque a professora o escolheu para dar o brinquedo e a ele não.

Todas as refeições na **creche T** aconteciam no refeitório, sendo, este ocupado por uma turma de cada vez, intercalando entre as idades, raramente acontecia de classes ocuparem o espaço do refeitório ao mesmo tempo. Ou seja, quando a turma de crianças maiores estava saindo à turma dos menores iam entrando sucessivamente.

Mesmo sobrando mesas no refeitório que poderia atender mais de uma turma inteira, outra turma não podia entrar, tinha que esperar do lado de fora do refeitório o espaço ficar desocupado.

Cada criança já tinha o seu par para caminhar ao seu lado na fila, já tinha lugar certo para sentar na sala e no refeitório. Caso as crianças não estivessem ao lado do seu par na fila quando tivesse que saírem para algum lugar, a professora não deixava a fila caminhar. Chegava a voltar para a sala com as crianças e dependendo de lá não saíam mais. Quando isso ocorria algumas

delas ficavam irritadas e batiam de um jeito sorrateiro na criança que foi apontada como culpada da frustração delas.

Conversei com algumas professoras sobre os comportamentos agressivos nas crianças. Todas elas me falaram que havia crianças muito agressivas na turma, mas elas já tinham sido encaminhadas para o psicólogo.

Perguntei como a criança expressava a agressividade:

A primeira me respondeu que a criança batia nos colegas e estragava as atividades de alguns, falava muitos palavrões com ela e com os colegas, chegou até a bater nela e na diretora.

A segunda me descreveu que uma vez a criança bateu nela e em seguida destruiu toda a sala, jogando todas as carteiras no chão. Conclui dizendo que atualmente essa criança faz um acompanhamento com o psicólogo e que melhorou muito o seu comportamento.

Pedi para elas me apontarem uma criança que elas consideravam agressiva.

Apontaram-me as duas que elas comentaram acima. As demais elas qualificavam como boas, que não brigam entre si. Porém percebi que algumas das crianças demonstram pelo aspecto facial mau humor.

Neste sentido não tenho um conflito manifesto para caracterizar uma intervenção ativa por parte da professora. O que vou delinear são situações que senti em meio ao estudo dos casos. Apesar de querer ficar distante me via envolvida nas ocorrências dos fatos. Portanto tornou-se impossível não ter uma participação no processo. E também não foi fácil de buscar algum relato.

Neste sentido passei a observar uma menina: 'Bi'

Parte 2 - Descrição das observações dos conflitos

Primeiro conflito

'Bi'

'Bi' é uma criança que briga o tempo todo com todos. Não é uma criança que sorri ou brinca, passa a maior parte do tempo olhando quem brinca.

É comum 'Bi' empurrar e dar tapas nos colegas quando se aproximam dela.

A professora nunca vê o ocorrido porque 'Bi' está sempre no final da fila, e geralmente quando ela quer bater em alguém espera a hora de formar a fila, marcando alguém com um tapa nas costas ou no rosto. No parque quando alguém passava por ela, estava sempre pronta a dar um empurrão.

Reparei que ela sempre estava sozinha.

Fiz um comentário com a professora sobre ela. Professora acha a criança muito *enjoadinha*.

Vi pela primeira vez que ela bater num coleguinha. Ela percebeu e começou a chorar e, dizer que o coleguinha tinha batido nela primeiro.

Com uma voz tranqüila falei a ela que tinha visto tudo. Que ela não fizesse mais aquilo porque doía.

A criança agredida confirmou minha fala com um aceno de cabeça e passando as mãos nas costas.

Aproximei-me dele e lhe fiz um carinho na cabeça, dizendo que logo passava.

Ele sorriu e continuou caminhando, mas passando ainda uma das mãos nas costas.

Depois desse contato que tive com ela 'Bi' chorou muito. Quando algum funcionário e a professora passavam por ela no refeitório falavam assim:

— *Eta menina chorona. — Só chora essa menina. — Vê se para de chorar. — Você ainda está chorando.— Vê se para de chorar e come logo essa comida.*

Segundo conflito.

Professora TRA.

'Mi e Mo' 'Ca e Fa'

Chego na sala e vejo 'Mi' com um aspecto muito nervoso, agitado.

Levanta se aproxima da professora querendo falar-lhe alguma coisa, mas ela não lhe dá ouvido e pede para ele sentar –se e rapidamente.

Ele volta senta-se na sua cadeirinha junto com o seu grupo. Fico prestando atenção neles.

'Mo' esta chutando 'Mi' por baixo da mesa. 'Mi' olha para a professora e olha para o colega.

Professora esta indiferente ao ocorrido.

'Mi' levanta outra vez e tenta conversar com a professora.

Professora fala:

— *Já não falei para você sentar.*

'Mi' volta para o seu lugar.

Professora levanta-se e aproxima-se do grupo para passar a atividade que ela havia preparado.

Todos do grupo olham para ela enquanto ela explica o que é pra fazer.

Inclusive 'Mi'. Só que este olhava para os pés da professora e fica tentando fazer a cadeirinha que ele está sentando pegar no pé dela.

Ela não percebe.

Ele insiste, e arrastando a cadeirinha, colocando todas as suas forças para tal fim. Mas não consegue fazer a cadeira pegar no pé da professora.

Quando ela se afasta ele ergue a cabeça e fica olhando para ela aparentemente frustrado. Ela nem se dá conta da situação.

Tive a impressão de que 'Mi' se sentiu frustrado porque a professora não lhe deu atenção, então ele escolheu tentar machucá-la. Porque ele tentava colocar muito esforço no que estava fazendo.

'Mo' volta a chutar 'Mi' por baixo da mesa. Ele reage, porém o coleguinha fica mais agressivo.

Faço 'Mo' perceber que eu estou vendo o que está acontecendo.

Esse demonstra surpresa, e para de provocar o coleguinha.

'Mi' que estava sentado de costas para mim, também percebe a minha presença. Dou um sorriso, ele retribui o sorriso e começa a fazer a sua atividade.

Enquanto eu estou ali pelo menos com esse grupo não ocorre mais nada.

Porém em um outro grupo uma 'Ca' pega o lápis e a borracha de 'Fa', e se apossa do objeto. Quando esta vai tentar pegar seus pertences de volta a outro lhe bate nas mãos.

Professora percebe a agitação dos dois e chama a atenção do grupo pedindo para pararem a confusão e concluírem logo a lição.

A criança vítima da situação fica parada demonstrando uma feição chorosa.

Fico observando.

Ele tenta pegar o objeto novamente, mas o coleguinha dá outro tapa na sua mão.

Professora esta conferindo as agendas.

'Fa' para de tentar pegar o objeto e fica parado olhando para o coleguinha. Passa algum tempo, ele tenta novamente. Inútil tentativa. 'Ca' reage.

Tento não me envolver, só que a professora esta sentada atenta a outras coisas.

Com um gesto faço ela prestar a atenção no grupo. Ela levanta aproxima-se da mesa e pergunta: *o que se passa aqui.*

'Fa' aponta com o dedo para 'Ca' e uma criança do grupo conta que 'Ca' tomou o lápis do coleguinha.

Professora estira o braço com as mãos abertas, sem dizer uma palavra espera a criança colocar o objeto nas suas mãos. Criança bem devagar pega o lápis e a borracha e devolve para o coleguinha.

Professora permanece perto do grupo por uns dois minutos, olhando a todos com uma feição de brava depois retorna para concluir seu trabalho com as agendas.

Terceiro conflito

'Bi e Su'

Outra vez 'Bi'

Estávamos saindo do parquinho para dar espaço para uma outra turminha brincar.

A professora sai na frente, levando a fila com ela.

Fico parada esperando todos passarem.

Ainda falta passar por mim, mais uma seis crianças, entre elas a 'Bi' que chegou por última na fila e estava deslocada do seu par.

Ela vem meio correndo, porque estava distraída e não viu a fila andando.

Parece não me ver parada no canto da parede.

Quando se aproxima do grupo da um murro nas costas de 'Su' que estava caminhado atrás do grupo. Uma criança de 3 anos que estava passando por nós porque ia ao banheiro.

'Su' fica sem fôlego, o murro foi tão forte que me chamou atenção pelo eco que fez nas costas da criança. A criança teve até dificuldade de fazer o choro sair. E veio andando na minha direção tentando colocar o choro engasgado para fora e desmontando estar passando mal de tanta dor.

Fui ao encontro delas e procurei massagear as costas de 'Su'.

'Bi' para ao nosso lado e diz: *Ela mexeu comigo primeiro.*

'Su' ainda esta tentando desengasgar o choro, gira a cabeça tentando dizer que não fez nada.

'Bi' insiste, falando e balançando a cabeça ao mesmo tempo com um olhar assustado: *Ela mexeu sim.*

Nesse meio tempo a professora já esta no refeitório com as demais crianças. A professora de 'Su' esta de olho nas outras crianças no parquinho.

Quando 'Su' consegue soltar o choro, ela repete varias vezes com uma voz engasgada *que não tinha feito nada* e balando a cabeça ao mesmo tempo.

Tento acalmá-la falando para ela que já entendi.

Pergunto para 'Bi' porque ela fez aquilo.

Ela responde: *ela tava na minha frente*

Eu digo: *ela estava na sua frente, más foi sem querer.*

'Bi' assustada começa a chorar. Eu digo para ela pedir desculpas para a coleguinha. Ela se inclina, já não chorando mais, pede desculpa e caminha para o refeitório.

Pego na mão de 'Su' e vou conduzindo-a até o banheiro.

Quando 'Bi' passa pela porta encontra a professora parada ali. Essa para a menina e pergunta: *Porque a senhorita demorou! Posso saber.*

'Bi' não responde, olha para mim.

Segurando a mão de 'Su', conto para a professora o que aconteceu.

'Bi' aparentava estar com medo fica o tempo todo olhando para mim e para a professora sem dizer uma palavra.

A professora manda 'Bi' sentar. Olha para mim e gira a cabeça reprovando o comportamento da sua aluna.

Levo 'Su' ao banheiro dou-lhe um copo com água e ela retorna para o parquinho, já revigorada.

Quarto conflito

'Ge, Já e Jô'

Cheguei e as crianças estavam na fila para escovarem os dentes.

Meninas encostadas de um lado da parede e meninos encostados do outro.

'Jô' ocupava uma posição na fila, quase sendo uns dos últimos, e estava quietinho esperando a sua vez.

'Ge' chega não sei de onde e quer ficar perto de 'Já' que esta na frente de 'Jô' na fila.

‘Jô’ não gosta da idéia e empurra ‘Ge’ tirando ele da fila.

Os dois amigos retribuem o empurrão.

‘Jô’ cai e bate as costas num canto da parede.

Professora percebe o tumulto de dentro da sala onde acontece à escovação e sai para verificar o que esta acontecendo.

Encontra ‘Jô’ ainda caído no chão com a cabeça baixa e chorando.

Pega-o pelo braço levanta-o e o coloca novamente na fila.

Este continua com a cabeça baixa chorando se sentindo injustiçado.

Professora chama a atenção de todos por causa da agitação, e volta para a sala de escovação.

‘Já e Ge’ ficam rindo da situação e de ‘Jô’ e se sentem vitoriosos.

‘Jô’ demonstrando estar nervoso com os colegas, não suporta a situação, tenta novamente recuperar seu lugar na fila sendo impedido mais uma vez pelos colegas.

Professora sai para chamar mais crianças para a escovação e vê a cena acontecendo outra vez, pega no braço de ‘Jô’ e o retira da fila, colocando-o num canto da parede entre o refeitório e a sala de escovação. Dá-lhe uma bronca, dizendo que ele não vai mais escovar os dentes e coloca a criança sentada num banco do refeitório.

Os dois coleguinhos envolvidos no conflito continuam com um meio sorriso no rosto. Algumas crianças ficam olhando de um jeito triste para ‘Jô’. Outras aparentemente estão indiferentes. Outras estão com um olhar assustado. A professora prossegue com o trabalho enquanto as crianças conservam o maior silencio possível a pedido dela. ‘Jô’ sentado no banco, demonstra um aspecto de raiva, de irritação fica choramingando.

Comentários

Creche T

Na creche T com exceção do espaço do parquinho as crianças são impedidas de conversarem entre si. Elas só podem falar ou fazer algum comentário quando são solicitadas. Se forem pegas conversando são chamadas atenção.

Só podem se movimentar quando precisam ir de um lugar para o outro, desde que estejam organizadas em fila. Se forem pegas fora do lugar sem permissão possivelmente vão receber algum castigo.

Quando se atrevem a contrariar a vontade da professora podem também receber algum castigo.

Observando todo o espaço da creche pude sentir que o gênero autoritário de conduta era uma característica da grande maioria das professoras, assim sendo, o comportamento das crianças também se assemelhavam.

Portanto durante as primeiras horas de estudo pensei que não ocorriam conflitos entre as crianças, por causa desta passividade obrigatória.

Enganei-me, elas se agridem sim. E eram as mesmas agressões corriqueiras desta idade. Elas se batiam, chutavam, gospiam, xingavam, empurravam, puxavam os cabelos. Faziam picuinha entre elas (principalmente as meninas) e tomavam objetos uma das outras usando a força.

Observando melhor percebi que quaisquer peraltices que queriam cometer, o faziam quando a professora não estava presente ou quando ela não estava olhando para elas. Porque tanto na sala quanto no refeitório, os conflitos ocorriam por baixo da mesa. Algumas crianças chutavam umas as outras, beliscavam, mostravam a língua ou xingavam-se umas as outras. Só que eram poucas as que se atreviam a contarem para a professora que estavam sendo machucadas pelo coleguinha. Neste sentido, as vítimas sofriam as agressões quietas, não reclamavam para a professora o que estava acontecendo. Porque

já sabiam que esta não ia lhes dá ouvido, e ainda poderia receber uma bronca. O mesmo acontecia no parquinho e na fila.

Contudo dá a impressão que a professora não via os conflitos acontecerem. Mas quando uma outra criança que não estava envolvida na confusão se atrevesse a lhe falar o que estava acontecendo, mostrar que os amiguinhos estavam brigando, era chamada de fofoqueira.

Quando não chamava a criança de fofoqueira, agia como se ela não estivesse interessada no assunto. Saia de perto da criança ou desviava o assunto, mostrando para ela que estava ocupada com outros afazeres. Essa conduta vinha acompanhada de um pequeno empurrãozinho que a professora dava no ombro do aluno para ele se afastar, mostrando que ela não queria ouvir o que a criança tem para dizer. Ou não dava a menor atenção para a fala da criança, tratando-a como se ela fosse invisível, e quando a notava mandava-a sentar-se.

Se algo ou alguém saísse da linha na sua presença, a vida da criança se complicava. A professora com sua voz firme e autoritária, já lhe passava um sermão e a criança ficava escutando assustada.

Porém os conflitos são tão sorrateiros que o tempo passa e é como se nada tivesse acontecido. Assim sendo as características dos conflitos não são tão graves. A criança que queria brigar fazia isso isoladamente. Procurava primeiro verificar se tinha alguém observando, para depois atracar a suposta vítima.

Durante as horas observadas não vi nenhum vínculo afetivo da professora com as crianças. O relacionamento entre professor e aluno eram extremamente distante.

Assim sendo, todos os conflitos observados com essa turma, não tiveram uma intervenção ativa por parte da professora. Porque não ocorria diálogo e nem a escuta da professora com o aluno.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho serviu como auxílio para aprender a lidar um pouco melhor com a criança agressiva e com os conflitos que acontecem inesperadamente no grupo.

Ao estudar cada caso usei uma postura reflexiva na tentativa de para buscar responder à questão. *Por que alguns professores não estão preparados ou estão parcialmente preparados para lidar com a criança agressiva?*

Porém, o que ficou deste estudo não foram as expressões de agressividade na infância, *mas sim os conflitos armados por elas e a intervenção das professoras*. Para as professoras qualquer desvio de conduta da criança ou é agressividade ou é falta de limite. Portanto para elas toda criança causadora de conflitos dentro da sala é agressiva ou mal educada.

No entanto o que explicitou; não é que a professora não esteja preparada para lidar com os conflitos dentro da sala de aula, e sim que elas rejeitam o comportamento da criança agressiva, e a criança. E como a criança agressiva é extremamente sensível, ela acaba por extravasar muito mais quando percebe a antipatia da professora por ela.

Outro fator que faz as relações se complicarem mais, é a incompatibilidade das personalidades (de gênio), isso é muito comum entre professor e aluno, gerando com essa troca antagônica mais conflitos do que o esperado.

Muitas vezes o comportamento da criança é visto como algo que atrapalha a dinâmica das atividades. Contudo em virtude da necessidade que temos em manter a ordem, a criança se torna condenada ao ostracismo (exclusão).

No final ficou evidente que o conceito da palavra agressividade em si é mais abrangente nas expressões e na personalidade de uma pessoa do que de fato se pode entender. Neste sentido, aprendi que todos temos um pouco de agressividade, “num bom sentido do termo”, e isso é bom. Só que têm quem seja agressivo patologicamente a ponto de ter que precisar de ajuda médica.

Também ficou evidente que a hipótese levantada como princípio norteador da minha pesquisa teve a sua conclusão, me mostrando que o grande problema está nas relações. O professor não se aproxima da criança agressiva não cria

vinculo com ela, não procura dialogar com a criança para entender tanta frustração.

Para resolver tantos conflitos que surge por causa da frustração da criança bastava o professor ser acolhedor, sincero, honesto, amoroso e tolerante.

Aprendi com La Taille, (2005) que o *acolhimento* tem que se antecipar a *tolerância*, no entanto considero que ambos tem muito haver com os ideais de educação. Considero que se um educador não tiver o carisma da acolhida ou da tolerância não suportaria trabalhar partilhando conhecimentos.

O que aprendi com este estudioso, não se antecipa ao que aprendi com algumas das minhas professoras. Que me ensinaram a ser critica e olhar a criança com um olhar de especialista. Ou seja, não julgar os fatos só conhecendo a singularidade dele, mas julgar os fatos conhecendo o contexto da questão.

Apesar disso, La Taille descreve que há uma preocupação e uma constante queixa a respeito do comportamento humano ligado aos aspectos disciplinais e de respeito. As professoras consideram as relações cada vez mais violentas, nas que predominam a agressividade, insensibilidade e desconfiança revelando um mal estar social moral e ético.

Embutidos neste contexto estão às crianças, e ao educador cabe o trabalho em plantar a melhores sementes. E para isso tem que trabalhar intensamente.

Enfim a recompensa do trabalho intenso e dedicado com elas se dá ao longo de muitos anos de lida, ditando para esses infantes muitos *sim* e *não* e escutando desses pequenos também muitos *sim* e *não*, com o objetivo de impor regras e limites.

Contudo, sendo o adulto um espelho para a formação da personalidade infantil conseguiu ensinar muito bem para elas a regra da ditadura do *sim* e do *não*, ora as tratando com coerência ora esquecendo de educá-las com limites claros. Neste sentido, eles se depararam com muitos erros e acertos; sucessos e insucessos; onde muitos não conseguem nem ver o resultado do

trabalho realizado. Certamente na tentativa de sempre querer fazer o melhor por elas.

BIBLIOGRAFIA:

APPIGNANESI, Richard - Conheça Freud. São Paulo. Proposta Editorial, 1979.

CORTELLA, Mário e LA TAILLE, Yves – Nos Labirintos da Moral. São Paulo: Papirus, 2005.

DORIN, Lannoy – Dicionário ilustrado de Psicologia. São Paulo. Editora Iracema, 1978.

Revista Educação, ano 27 nº 237 – janeiro de 2001- A face oculta da infância- Maldade infantil, todo mundo vê, mas ninguém comenta. Editora Segmento, São Paulo – SP.

Revista Pátio – ano IV nº 11 – julho/outubro de 2006 – educação infantil em tempos violentos. Artmed Editora, Rio Grande do Sul.

SANCHES, Renate Meyer – Psicanálise e educação questões do cotidiano. São Paulo : Escuta, 2002.

SHAFFER, David R. – Psicologia do Desenvolvimento: Infância e adolescência. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2005.

TRAIN, Alan – Ajudando a criança agressiva. São Paulo: Papirus, 2003.

WIN, Fritz – o tratamento da criança agressiva. São Paulo: Editora Martins: Fontes, 1986.